

Alexandre Braga

A SILHUETA DO MEDO

A SOMBRA DE ADRAG

A SILHUETA DO MEDO

A SOMBRA DE ADRAG

A Sombra de Adrag
Alexandre Braga
1ª Edição – maio de 2022

Os direitos desta edição pertencem ao autor.

Edição, Diagramação e Capa:
Bruno Rodrigues

Catálogo na Publicação (CIP)

B813s	<p>Braga, Alexandre, 1998- A sombra de Adrag / Alexandre Braga. – Fortaleza (CE) : Ed. do Autor, 2022.</p> <p>184 p. – (A silhueta do medo)</p> <p>ISBN 978-65-00-42249-8</p> <p>1. Ficção brasileira – Romance I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD: B869.35</p>
-------	---

Site do autor: www.alexandrebraga.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição independente do meio ou forma, sem permissão expressa do editor.

*Para a minha mãe, Mônica Beatriz,
sempre a primeira leitora.*

SUMÁRIO

EPIÍGRAFE.....	9
----------------	---

PARTE I

1. O Divisor de Águas	13
2. Tempos Sombrios	21
3. O Inesperado	27
4. O Estranho Convite	31
5. Viagem a Davinça	39
6. O Pequeno Impasse.....	45
7. O Homem Acorrentado.....	49
8. O Primeiro Flerte	53
9. Matando A Saudade.....	57
10. Liberdade Para Amar.....	61

PARTE II

11. O Ataque do Fantasma	67
12. O Fantasma do Passado.....	79
13. O Início das Investigações.....	85
14. O Passado Desconhecido.....	89

15. Construindo Hipóteses	95
16. A Teia de Ressentimento.....	99
17. Rastreamento As Origens	103
18. Reflexões Sobre A Herança de Hita	109
19. Xílván Entra Em Ação	117
20. Nos Bastidores do Abrigo.....	123
21. A Despeito dos Esforços	127

PARTE III

22. As Viagens de Aander.....	133
23. Projeto Mundo Compartilhado	143
24. A Novidade da Noite	147
25. A Divisão de Tarefas.....	153
26. Crepúsculo Em Medilha	155
27. O Presságio Maligno	161
28. O Atentado Ao Museu	165
29. A Voz Anunciante	167
30. O Plano de Maxiliano	171
31. Os Ladrões de Invenções	175
Glossário.....	181
Sobre o Autor	183

EPÍGRAFE

PEQUENO GRANDE MUNDO

Eu posso ouvir as trombetas
ecoando em nossa terra,
desde as estrelas.
Posso senti-las
sinalizando a esperança
para o futuro
deste pequeno
grande mundo.

Pequeno, pois nele
as informações correm aos montes;
e grande
para os andantes,
que, em suas longas viagens,
só esperam encontrar
a merecida
liberdade.

AANDER TARBATELA

PARTE UM

ENTRE CORRENTES

A maré alta:
por onde passa,
tudo arrasta,
devastando costas inteiras,
causando imensa destruição.

São os destroços de casas,
de almas flageladas,
de vidas perdidas
e esperanças esvanecidas.

Eu gostaria de ter evitado
tamanha catástrofe,
mas sou só uma gotícula de água
nessa imensidão de mar,
remando contra a maré,
mas sendo puxado pelas ondas,
na direção das sombras.

AANDER TARBATELA

CAPÍTULO I

O DIVISOR DE ÁGUAS

A luz do Lunetoide iluminava a enorme cratera em forma de fenda, que atravessava o planeta de sul a norte. Na frente de ambos os lados, uma multidão se alinhava em perfeita simetria. Eram elfos e humanos, duendes e gnomos, anões e bebês-vivos, sacis e curupiras, membros de todas as raças nativas, unidos com um único objetivo: apagar os vestígios de uma grande fera que acabara de despertar, feroz como nunca.

Desembainharam as kdragas e, apontando-as para o interior da rachadura, atiraram.

Os machos fundiram a terra; as fêmeas a revestiram com sua vegetação originária. E lá distante, em algum lugar escondido na escuridão da floresta, lobos uivaram, fazendo com que a multidão se entreolhasse, apavorada, em meio a um som agonizante de vozes:

— O que foi isso?!

Fez-se silêncio por algum momento, até que um deles respondeu:

— Não foi nada de mais. Os lobos apenas estão confirmando o que há muito tempo se pressagiava: Adrag retornou, mais forte do que nunca, e exigirá vingança.

O fim de uma era. Assim os demais habitantes das galáxias passaram a chamar o 19 de verão daquele ano de 7992 E.I. do

Calendário Nirthaulaxundrauni, da Hitorgânia, quando Adrag, O Senhor do Caos e da Destruição, regressara do Abismo dos Tentáculos Agourentos, perfurando o planeta inteiro e aterrorizando todos, matando milhões de anões em seu habitat e jorrando bilhões de Pedras Mágicas dos subsolos para a superfície.

De fato, o retorno do Inimigo marcara o fim de um longo período de paz, que se seguira à sua primeira grande derrota diante das criaturas racionais de Hito e Hita, o Deus dos Astros e do Espaço e a Deusa da Vida; durante um período que ficou conhecido como Primeira Guerra Intergaláctica. Mas, para a surpresa de todos, Adrag desaparecera misteriosamente logo após o seu retorno, levando consigo treze fiéis seguidores, capturados ao longo dos últimos dias, além de julgados e presos. Espiões, policiais de todas as raças e voluntários de exércitos hitaístas patrulhavam o espaço, vasculhando cada corpo celeste, engajados em reforçar a segurança intergaláctica.

No interior das voillers hitorganesas, regras de confinamento haviam sido estabelecidas temporariamente enquanto as residências eram inspecionadas por policiais, assim como por anões e duendes, ligados aos serviços de proteção às lendárias Pedras Mágicas, que salvaguardavam o planeta do perigo, quando em última instância, pois foram equipadas com a alma dos Dois Que São Um. Contudo, bastava alguém mal-intencionado tocá-las com o desejo de empregá-las aos seus fins para serem substituídas pela alma do Inimigo. O uso das Pedras Mágicas era legalmente restrito a questões que afetassem a preservação dos planetas, enquanto lugares habitáveis, e depois tinham de ser imediatamente devolvidas aos subsolos, pois até mesmo uma unidade em falta poderia ser fatal. Não existiam em abundância, e eram um perigo certo nas mãos de sujeitos errados.

Àquela altura, estavam todos os habitantes das galáxias de sobreaviso. Ninguém podia sair de casa, deslocar-se de um lugar para outro, sem a escolta dos robôs antiadrag.

Apesar de todo esse transtorno, o jovem humano, Janoer, pelo menos ainda tinha algo para comemorar: o relacionamento entre Leolor e Mônei chegara ao fim, abrindo espaço para as primeiras investidas nela.

Finalmente!

Como era de seu temperamento, guardava essa informação para si. As irmãs sequer desconfiavam, pois nunca tivera a oportunidade de conversar a sós com Mônei por tempo satisfatório.

Entretanto, seus tios iriam se casar, e Mônei seria convidada para o matrimônio, o que parecia uma desculpa perfeitamente apropriada para interagirem mais um com o outro.

Era o que Janoer refletia, enquanto terminava de se arrumar para um jantar em família, como costumava ocorrer nos fins de semana, independentemente das circunstâncias do momento, fossem elas boas ou ruins.

Contemplou a barba rala no espelho. Com uma expressão satisfeita, abotoou o sobretudo. Passou perfume e penteou os cabelos negros lisos com gel. Eles contrastavam com os olhos, de um azul profundo, da cor do mar.

Saiu do quarto.

O terceiro andar da Esfera Central penetrava no silêncio. O barulho da chuva era abafado pelas janelas e cortinas fechadas.

Estaria seu pai já pronto, esperando lá embaixo?

Seguiu pela extremidade do corredor oval, ladeado por grades de proteção, e dobrou no passadiço que se abria à esquerda, no meio do caminho até a outra margem, permitindo o acesso à

Espinha Dorsal. Entrou pela porta que se abriu dela e desceu no elevador, parando no andar térreo.

Suas suspeitas estavam certas. Encontrou o pai largado na poltrona vermelha, à esquerda do sofá grande, esperando impacientemente os demais membros da casa.

— Elas estão vindo?

— Ainda não. — Janoer sorriu, acomodando-se na poltrona da direita. — Nem saíram do quarto ainda. Ou, se saíram, saíram só agora.

Janoir bufou.

— Você viu as notícias?

— Sim. Nenhum atentado adraguista até agora, desde o dia em que ele retornou.

— Não é estranho? Aí tem, aí tem! Devem estar planejando alguma coisa, com certeza!

— Imagino que sim. Mas o tiro pode muito bem sair pela culatra: estão causando muita desconfiança.

— É verdade. Estão, sim. Mas essa ociosidade deles não me agrada nem um pouco. É como se estivessem reunindo forças para algo bem maior, que nunca foi tentado antes.

— Concordo. Mas, como estão causando desconfiança assim, talvez se surpreendam.

— Eu espero, meu filho, eu espero. Eu realmente espero que consigamos contornar isso... — Deixou o ar escapar. — Mudando de assunto... soube que você terminou com a Januza.

— É... terminei.

— Algum motivo em especial?

— Não, não. — Janoer abafou um riso.

— Outra garota?

— O senhor vai saber, garanto. De preferência, depois do casamento da tia Mognora.

— E o que tem o casamento da minha irmã a ver com isso, rapaz? — Gargalhou.

Janoer sorriu.

— O senhor saberá, em breve, também.

O pai lhe retribuiu um olhar confiante. Acariciou a barba longa e volumosa, enquanto o fitava com imensa curiosidade.

A porta do elevador se abriu, e lá estavam Anina, Alide e Aninha.

— Vamos? — chamou a mãe de Janoer, a bolsa balançando no braço, que se movimentava em direção ao marido e ao filho.

— Vamos! — Janoer e o primogênito puseram-se de pé, fazendo um gesto de reverência às três damas, enquanto cantavam o famoso poema musicado, *A Nossa Terra*, de origem baixo-sanoguesa:

*A vida prospera
sobre nossa terra,
pois as mulheres a governam ao lado dos homens,
sendo reverenciadas
e suas formas arredondadas
comparadas
a desta abençoada morada!*

*Os homens e os meninos sabem
que a mulher e a natureza
foram providas
com o dom da vida;*

*sabem a força que a impulsiona,
que a impulsiona em direção aos céus!
Sabem a força que move os terremotos e os furacões,
os tornados e os vulcões;
sabem a força que arrasta tsunamis e avalanches!
Sabem a força que gera essa abundância de alimentos e recursos,
movimentando o curso
da existência;
é a mesma força de uma mulher que dá à luz!
A mesma força de uma mulher que é mãe e cuida de sua cria!
A mesma força de uma mulher que é líder!
A mesma força de uma mulher que impede um homem bem-sucedido de cair
e um homem ou uma nação de se levantar.
Pois as mulheres também movem o mundo, todas sabem.
E o mundo move as mulheres.*

Janoer era alto, assim como o pai, só um pouco menor. Os ombros, por outro lado, eram mais largos, e o andar, mais ereto. Um cavalheiro ortodoxo, no melhor sentido do termo. Devotado às mulheres que eram realmente damas. Um intelectual nato, com ideias próprias, porém cuidadosamente embasadas; apreciador da arte e da ciência. Único filho homem e, como de hábito, o primeiro a estar pronto para as confraternizações em família.

Os cinco atravessaram o saguão e o corredor que o ligava ao hall, saindo da casa pela porta dianteira.

Os robôs antiadrag patrulhavam as ruas, voando um pouco acima dos galecões cintilantes. Acompanhados por alguns deles, iniciaram o trajeto até o Dizone, a maior rede de restaurantes do universo. Internacional, trazia, em seu cardápio, comida de todos os lugares, desde galáxias distantes ou próximas. Uma forma de experimentar todos os sabores existentes, sem sair do lugar.

Adentraram o estabelecimento, depois de uma longa caminhada debaixo dos guarda-chuvas. Era um amontoado de mesas e cadeiras postas, bem menos movimentado que o normal. Adornado por elementos que remetiam a cada raça, povo ou nação, como as tapeçarias da Palênia, os quadros paisagísticos e as esculturas élficas, meticulosamente lapidadas. Nas paredes, pinturas multiculturais retratavam, de diferentes perspectivas, Hito e Hita. Havia também inúmeros quadros de outros tipos e uma grande variedade de poemas, talhados em pedra, para completar a decoração, abrangendo as mais variadas escolas literárias, com destaque para o hitaísmo e as demais vertentes decorrentes.

Mognora, os pais e o noivo os aguardavam lá na mesa que havia sido reservada. Levantaram-se para recebê-los, já soltando a novidade:

— Adivinha onde vai ser o casamento?!

— Onde?! — perguntaram, ansiosos.

— Em Venier Pruzour! — exclamou a noiva em resposta, bastante entusiasmada. — E eles ofereceram um preço até razoável, se considerar que praticamente o mundo inteiro está resolvendo se casar esse ano! — Riu.

Todos comemoraram.

Todos menos Janoer, que, por trás da máscara de felicidade, escondia o efeito das expectativas frustradas.

Venier Pruzour era propriedade de ninguém menos que os pais de Leolor, o ex-namorado de Môneli, com quem tivera um conturbado relacionamento.

